

PERCEPÇÃO DE ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO SOBRE DIVERSIDADE SEXUAL E HOMOFOBIA

RAFAEL S. REIS

Secretaria do Estado da Educação: Diretoria de Ensino de Presidente Prudente

RESUMO:

As questões sobre sexualidades têm assumido cada vez mais espaço na sociedade e nas instituições que a compõe, dentre elas a escola. Em uma perspectiva foucaultiana é possível considerar a instituição escolar como um aparelho utilizado no processo disciplinar com a função de educar os corpos. No que se refere à sexualidade, esse disciplinamento se efetiva a partir da ótica heteronormativa. Averigua-se a partir dos PCNs o intuito de estabelecer discussões com ações que garantam o desenvolvimento dos alunos considerando os seus direitos, todavia, tal abordagem parece elencar a heterossexualidade como matriz das relações e aborda a vivência de outros desejos sob o viés da “tolerância”. A falta de reflexão sobre as sexualidades prejudica a convivência entre os estudantes LGBTTTs do ensino médio, produzindo assim uma cultura de homofobia, segregarismo e intolerância. Assim sendo, o objetivo desse trabalho é discutir a percepção de estudantes do ensino médio sobre diversidade sexual e homofobia, observar de que maneira instituem-se políticas e práticas que envolva a educação para a convivência em uma sociedade plural. Trata-se de um estudo em andamento que se assenta em pressupostos pós-estruturalistas e estudos foucaultianos sobre os processos escolares de subjetivação dos corpos.

Palavras chaves: Diversidade sexual; Ensino Médio; Heteronormatividade; homofobia.

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de
Teoria e Prática
da Educação



INTRODUÇÃO:

Dentre as várias dimensões que constituem o ser humano, a sexualidade é de suma importância. Falar sobre sexualidade implica em refletir sobre os afetos e contatos que abarcam as sensações e o prazer que se descobre no decorrer de nossa história na qual nos constituímos como sujeitos de relacionamentos.

Em uma sociedade que tem sido marcada pela liquidez (Bauman, 2000) dos relacionamentos, pensar a sexualidade, talvez seja um desafio, mas de importância crucial na constituição de pessoas, pois muitos deixam de vivenciar seus afetos como potencial para seu desenvolvimento. Afeto e não apenas prática sexual! Afeto caracterizado pelo abraço, cumprimento, atenção. Dimensões simples, mas que tem sido descartadas no universo dos códigos das relações. Entender a sexualidade como constituição primeira de si, permite a compreensão do outro em sua forma diferente de ser.

Essa compreensão nos permite entender que o mundo é formado por sujeitos e, quando se fala de sujeitos, entende-se os mesmo como seres de diversidades. Compreender a diversidade como um agrupamento de multiplicidade, de diferentes modos e aspectos. Cada ser humano é, em si, um universo de possibilidades. Dentre essas possibilidades insere-se sua sexualidade, esse cosmo de várias formas de ser, como heterossexuais, gays, lésbicas, bissexuais, travestis, transgênero e outras mais.

Pensar a diversidade juntamente com a sexualidade nos permite entender que cada sujeito é em si único. Reter esse princípio nos leva a considerar uma sociedade que consente, em que não existe o diferente, mas que somos todos diferentes. Essa noção que nos é ensinada se constrói a partir de uma produção cultural inserida na mentalidade da massa constituinte da sociedade. A diferença não é barreira, mas sim um aporte que nos expande. Esse entendimento nos leva a pensar a educação e classificação que nos reparte, distanciando do objetivo que é cooperar para uma visão binária do indivíduo, que o dividi apenas em dois polos de possibilidades de vivências, macho e fêmea, mas que em uma sociedade democrática, vise a formação de sujeitos para um mundo plural.

Realização:



Apoio:



Abdicar desse pensamento nos faz responsáveis em assumir uma sociedade intolerante, repleta de barbáries que nos abismam. Todavia, até que ponto corroboramos para a construção de uma sociedade violenta e motivada pelo preconceito?

A resposta de tal questão pode assentar-se pelo simples fato de não levar em pauta essa discussão e a defesa sobre a responsabilidade de um mundo onde não naturalizamos o que já traz como normal, que são suas diferenças. Sob essa premissa que esse trabalho visa, estabelecer uma reflexão sobre a importância do conhecimento e da discussão da diversidade sexual, para uma suposta abolição de práticas homofóbicas que tem dizimado os jovens e perpetuado uma mentalidade de terror e atentado sobre a vida humana.

ESCOLA: UM ESPAÇO PLURAL DE TODOS OS DESEJOS

A justificativa deste projeto assenta-se em meu trabalho realizado como docente na rede Estadual Pública. Tenho observado os anseios e questionamentos feitos pelos alunxs durante o período de descobertas e indagações sobre seus corpos e sexualidades. A partir dessa observação, nasceu o desejo em buscar uma atenção maior, não dada sobre a importância de tratar, no âmbito escolar, as questões referentes as sexualidades, diversidades sexuais e homofobia.

Quando falamos de sexualidade podemos entendê-la como um dispositivo que inclui todo ser humano enquanto ser vivente e relacional nos seus afetos, desejos e tensões. A sua importância insere-se como o motor primeiro que é o desejo. Por vivermos em sociedade somos seres de relação. E o cerne da relação é própria a sexualidade. Diante da elaboração de um conceito no qual possa envolver o que é o ser humano, é característico conceituá-lo, um ser pensante, racional, político e religioso. Entretanto, algo que está intrínseco é a sexualidade. Sua importância é vista pelo descobrimento parcial de si mesmo e o relacionamento com os outros. Segundo o dicionário do corpo, de Marzano (2012):

A sexualidade é um espelho do humano e de suas contradições. De um lado, ela é a expressão de uma vontade de ir para o outro e de possuí-lo. De outro, ela é o lugar de um abandono, pois é no ato sexual que o sujeito se abre para o mistério da falta e ali ele

Realização:



Apoio:



descobre a satisfação naquilo que ela tem de mais íntimo e desconhecido. (MARZANO, 2012, p. 936).

Cabe ressaltar que a sexualidade é lida e interpretada dentro de um campo cultural em determinados saberes e objetivos específicos. O desejo é envolvido por determinados saberes que o nomeia e o configura dentro de uma tecnologia de poder. Em Foucault (2014), há uma percepção sobre a sexualidade, em que, segundo o filósofo é, dissimulada e percebida no decorrer da história e descrita em sua obra:

A sexualidade é o conjunto dos efeitos produzidos nos corpos, nos comportamentos, nas relações sociais, por um certo dispositivo pertencente a uma tecnologia política complexa, deve-se reconhecer que esse dispositivo não funciona simetricamente lá e cá, e não produz, portanto, os mesmos efeitos. (FOUCAULT, 2014, p. 139).

Em uma análise geral, podemos perceber que a escola é um dos espaços que, em muitos casos, visa a diluição da subjetividade em prol de um “amansamento”. O que se observa é que as estruturas escolares e educacionais têm como finalidade transformar os corpos, que ali são inseridos, em corpos manipulados, formatados e condicionados. Isso se dá a partir da disciplina e classificação respaldada por uma grade curricular que descreve o que se deve ensinar e como ensinar.

Um exemplo desse mecanismo são os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), onde descrevem seus objetivos em envolver todo o corpo docente e pedagógico escolar e responsáveis, com intuito de estabelecer observações e discussões com ações que garantam a promoção e o desenvolvimento dos alunos, considerando os direitos humanos, garantidos a todos. O que cerne sobre orientação sexual dentro dos PCNs (1997), em seu documento, visa:

Tratar do tema Orientação Sexual, busca-se considerar a sexualidade como algo inerente à vida e a saúde, que se expressa no ser humano, do nascimento até a morte. Relaciona-se com o direito ao prazer e ao exercício da sexualidade com responsabilidade. Engloba as relações de gênero, o respeito a si mesmo e ao outro e à diversidade de crenças, valores e expressões culturais existentes numa sociedade democrática e pluralista. Inclui a importância da prevenção das doenças sexualmente

Realização:



Apoio:



transmissíveis/Aids e da gravidez indesejada na adolescência, entre outras questões polêmicas. Pretende contribuir para a superação de tabus e preconceitos ainda arraigados no contexto sociocultural brasileiro. (BRASIL, 1997, p. 287).

Porém, o trabalho realizado nas instituições escolares parece focar apenas as questões de prevenção e doenças (DSTs/HIV/Aids), não ampliando as discussões sobre as questões de diversidade sexual como um direito do sujeito. Geralmente, o que é transmitido dentro das instituições de ensino sobre sexualidade se detém no campo biológico, apenas no universo preventivo (DSTs, gravidez na adolescência, métodos contraceptivos). Entende-se apenas como uma didática instrumental e técnica da sexualidade e não uma reflexão acerca do desejo, dos afetos e da própria sexualidade. Neste sentido, a escola se torna cúmplice da patologização da sexualidade, no momento em que não desenvolve uma reflexão e não cria espaço para a discussão. Ao contrário, silencia os corpos desejosos privando-os de si mesmo. Não permite aos jovens um ambiente saudável e reflexível sobre o desejo. O espaço escolar segundo Ferrari (2014)

Interroga sobre as diferentes maneiras que encontramos para nos reconhecer como sujeitos de desejo. Que jogos de verdade e que instituições e saberes acionamos para nos reconhecermos como sujeitos de desejo? A escola é um desses lugares e espaços em que esses jogos de verdade estão presentes e nos organizando como sujeitos de desejo. (FERRARI, 2014, p. 113).

O espaço escolar se configura como uma vigilância perpétua que atua sob os comportamentos perversos. Não reconhece a “anormalidade” como expressão de existência e/ou como forma de questionamento das normas regulatórias sobre as vidas. O que soma a essa arquitetura é a maneira na qual a sua força se organiza, o discurso ali desenvolvido corrobora com toda a estrutura física em que as palavras são imperativos de ordem. Na perspectiva de Cesar (2009) falar sobre sexualidade rompe com a norma estabelecida da estrutura escolar, como uma invocação que possivelmente possa trazer uma desordem sobre a ordem determinada e estabelecida pelo discurso.

A partir de perspectivas bem estabelecidas, a fala da sexualidade e não o seu silêncio constituiu-se como fator importante no discurso

Realização:



Apoio:



educacional brasileiro. Se relacionarmos o processo de escolarização à disciplinarização dos corpos de crianças e jovens, veremos que a educação do sexo encontrou seu lugar privilegiado na escola desde muito cedo. (CESAR, 2009, p. 40).

Por mais que haja um discurso que manifesta a necessidade de tratar sobre a sexualidade como tema transversal nos currículos, a importância que se dá é apenas aquelas vistas como favoráveis para a sociedade. Formar operários técnicos, que possam gestar a coletividade. Por isso, há essa necessidade de estabelecer um discurso que silencie a reflexão que envolva a sexualidade, para que mantenha espaço para empreender as definições a partir das técnicas, e as sujeições criadas pela cultura que determina desde a escola até o mundo o espaço que cabe a mulher e ao homem e não ao ser humano que antecede qualquer nomeação. Observando pelo viés de Louro (2004):

Definir alguém como homem ou mulher, como sujeito de gênero e de sexualidade significa, pois, necessariamente, nomeá-lo segundo as marcas distintivas de uma cultura – com todas as consequências que esse gesto acarreta: a atribuição de direitos ou deveres, privilégios ou desvantagens. Nomeados e classificados no interior de uma cultura, os corpos se fazem históricos e situados. (LOURO, 2004, p. 89).

Percebe-se que todo o ambiente educacional construído trás as divisões, separações e organizações como salas, corredores e demais. Há um sentido em arquitetar a estrutura física para manifestar dentro desse espaço, algum tipo de poder atrelado a disciplina em que a vigilância se torna um dos mecanismos de dispositivo no qual o sujeito que ali habita ou participa acaba sendo domesticado e moldado em detrimento a uma política formativa ou educacional.

A estrutura educacional, reforça e corrobora para manter o espaço das codificações. Não se cria um espaço no qual a diversidade de sujeitos possam se relacionar. Ao contrário, a própria estrutura divide, separa e condiciona o corpo e o pensar, destituindo um espaço democrático, livre para os diversos sujeitos se comuniquem e relacionem-se. A exemplo, são os banheiros que mesmo aqueles que em sua sexualidade se sintam além de seus órgãos anatômicos são obrigados a usar ao que o sistema determina, constrangendo e fazendo com que o sujeito se

Realização:



Apoio:



torne cada vez mais preso a uma cultura onde se há uma carência em determinações. Nos diz Foucault (2014)

A regra das localizações funcionais vai a pouco, nas instituições disciplinares, codificar um espaço que a arquitetura deixava geralmente livre e pronto para vários usos. Lugares determinados se definem para satisfazer não só a necessidade de vigiar, de romper as comunicações perigosas, mas também de criar um espaço útil. (FOUCAULT, 2014, p. 141).

Diante dessa ambiguidade, instala-se um território de campo minado onde há a ausência de uma postura educadora que promova a convivência da individualidade na diversidade. O que parece ocorrer é a necessidade de uma cristalização para afirmar a identidade heterossexual como matriz. Não se fala sobre gays e lésbicas. Não se fala como não ser homofóbico. Não se fala sobre o respeito. Surge então, a intolerância e a violência que pode ser visibilizada na sociedade a partir dos inúmeros casos cotidianos de homofobia que tem se tornado banal. Junqueira (2010) reforça essa ideia:

Não lhes falamos de lésbicas e gays “porque na nossa escola gays e lésbicas não existem” ou será que gays e lésbicas “não existem” (são invisíveis) justamente porque não nos parece conveniente criar condições para falar deles/as? Mesmo em caso de uma improvável inexistência, na escola, de sujeitos dissidentes em relação à matriz heterossexual, uma educação voltada para a promoção da cidadania não exigiria a elaboração de currículos mais abrangentes e o ensino de valores e práticas sociais acolhedoras de alteridades não notadas? (JUNQUEIRA, 2010, p. 128-129).

É de suma importância tal abordagem, pois, tem crescido o número de jovens e adolescentes que tem se questionado sobre sua sexualidade, não encontrando respostas no âmbito familiar e, mais ainda, dentro dos códigos e classificações criadas pela sociedade. Tal fato gera dificuldades em seu desenvolvimento, comprometendo sua relação em sociedade e grupos que participam.

Para que tal abordagem ganhe valor e maior sentido, é importante que a escola assuma essa discussão para que contribua com o desenvolvimento dos

Realização:



Apoio:



estudantes. Caso a escola se transforme em um cenário de difícil convivência, pautado no preconceito LGBTfóbico, como é possível aprender?

A falta das orientações acerca da sexualidade e diversidade sexual tem prejudicado a vivência de uma democracia participativa em suas diversidades sexuais, onde possam entender seus direitos e os direitos que todos têm, independente de sua orientação sexual. Dessa forma, tem se criado uma cultura homofóbica em uma sociedade machista e intolerante:

Segundo o banco de dados do Grupo Gay da Bahia (GGB), atualizados diariamente no site quem a homotransfobia matou hoje, 343 LGBT foram assassinados no Brasil em 2016: um crime de ódio a cada 25 horas.. (GRUPO GAY DA BAHIA, 2017.).

Esses dados são alguns dos reflexos de uma sociedade que não tem se preocupado em educar para o reconhecimento das diferenças como constituinte de nossa sociedade. Ao analisar esses dados o site mostra o perfil dos criminosos que, na maioria das vezes, atinge todas as classes sociais e profissões. Isso indica a implicância e o questionamento sobre como tem sido o papel das instituições de ensino sobre os sujeitos, para atuarem em sociedade, tendo em vista que na maior parteesses sujeitos que cometeram os crimes, passaram por uma instituição de ensino.

Assim, mostra-se a hostilidade e o papel da homofobia no cenário social brasileiro em que a ideia normativa e padronizada incute nos sujeitos uma ideia em como se é um sujeito. Isso implica em pensar o exercício da homofobia em discriminar e eliminar o “diferente”. Segundo Borrilo (2010):

A homofobia desempenha um papel importante na medida em que ela é uma forma de inferiorização, consequência direta da hierarquização das sexualidades, além de conferir um status superior á heterossexualidade, situando-a no plano natural, do que é evidente. (BORRILLO; p. 15; 2010).

Pensa-se que a escola pode ser a construção de uma nova mentalidade que rompa com a perpetuação dos erros cometidos e vivenciados na sociedade e aqueles no decorrer na história. A escola tem como papel fundamental em educar para o mundo das vivências. O corpo é visto como uma ferramenta no qual é

Realização:



Apoio:



apropriado e domesticado para fins de estratégias para a perpetuação e manutenção do poder controlador da sociedade. Ao invés, deveria ser um território de pertença, e emancipação do sujeito em relação aos demais.

Assim, o desafio da educação é reverter essa ideia que perpetua progressivamente. Em criar laços que toleram, respeitem e convivam sem a menor forma de indiferença. Talvez soe como utópico, mas é urgente repensar essa nova mentalidade para que o futuro do mundo não se agrave como nos dias atuais em que a vida humana perdeu seu sentido real. Tratar com mais atenção as questões da sexualidade, da diversidade sexual e a homofobia seria, nas palavras de Anderson Ferrari (2014):

Fruto de construção que não é de agora, ele é parte do nosso cotidiano. Ele está nas escolas, porque está na sociedade de forma geral. Ele está nas mídias. Basta um olhar atento para os noticiários, para as telenovelas, para os programas da grade da rede aberta de televisão, para constatar que ele é quase diário. (FERRARI, 2014, p. 106).

Com isso, entendemos que a maior justificativa desse trabalho é desenvolver um conhecimento que envolva os jovens e adolescentes e suas perspectivas sexualidades. Fomentar discussão e assim, alargar uma formação de pessoas sadias, tanto física como psicologicamente. Acreditamos que o mundo pode ser um espaço no qual todos podem habitar e ser felizes. Um espaço não delimitado, sem códigos ou classificações que nos determine. Onde os sujeitos possam se aceitar, sem o risco de serem “lidos” como estranhos(as) em seu próprio mundo.

Não se pode esperar que o cosmo mude, sem que as pessoas que o constituam não transgridam a forma como o tem olhado. O espaço em que habitamos está além de cores, raças, ou sexualidades. O mundo é o espaço político de convivência nas escolas, família e sociedade. É urgente que cesse a necessidade de culpa, pois somos hábeis em adotar a imoralidade que de fato nos torna o que somos: humanos!

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de
Teoria e Prática
da Educação



REFERÊNCIAS

BRASILIA. **Ministério da Saúde Conselho Nacional de Saúde**, resolução nº 196, de 10 de outubro de 1996. Disponível em: <con-se-ho.saude.gov.br/resolucoes/1996/reso196.doc> Acesso em 08/04/2017.

BORRILLO Daniel. **Homofobia: História e crítica de um preconceito**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do Discurso**. 24ª ed. São Paulo: Loyola, 2014.

_____. **História da Sexualidade: A vontade de saber**. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

_____. **Vigiar e Punir: Nascimento da prisão**. 42ª ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

FERRARI Anderson, **Experiência Homossexual no contexto escolar**, Disponível em: <<http://revistas.ufpr.br/educar/article/view/36461>>. Acesso em 03/04/2017.

GGB. Grupo Gay da Bahia. “**Assassinato LGBT no Brasil: Relatório**”. 2015 Disponível em: <<https://grupogaydabahia.com.br/2016/01/28/assassinato-de-lgbt-no-brasil-relatorio-2015/>>. Acesso em: 05/04/ 2017.

JUNQUEIRA Rogério Diniz, “**A homofobia não é um problema. Aqui não há gays nem lésbicas!**” Estratégias discursivas e estados de negação da discriminação por orientação sexual e identidade de gênero nas escolas. Disponível em: <http://www.clam.org.br/bibliotecadigital/uploads/publicacoes/1890_892_junqueira171-722-3-PB.pdf>. Acesso em :05/04/ 2017.

LOURO Guacira Lopes. **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade teoria Queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

MARZANO Michela. **Dicionário do corpo**. Loyola, 2012..

Parâmetros Curriculares Nacionais – Temas Transversais: Orientação Sexual. Brasília: Secretaria de Educação Fundamental - MEC/SEF, 1998.

Realização:



Apoio:



ABSTRACT

The questions about sexualities have assumed more and more space in the society and the institutions that compose it, among them the school. From a Foucaultian perspective it is possible to consider the school institution as an apparatus used in the disciplinary process with the function of educating the bodies. With regard to sexuality, this discipline is effective from the heteronormative point of view. It is clear from the PCNs the intention to establish discussions with actions that guarantee the development of students considering their rights, however, this approach seems to list heterosexuality as the matrix of the relations and approaches the experience of other desires under the bias of "tolerance". The lack of reflection on sexualities impairs the coexistence of LGBTT students in high school, thus producing a culture of homophobia, segregation and intolerance. Therefore, the objective of this work is to discuss the perception of high school students about sexual diversity and homophobia, to observe how policies and practices are instituted that involve education for coexistence in a plural society. This is an ongoing study that is based on poststructuralist assumptions and Foucaultian studies on the school processes of subjectivation of bodies.

Key words: Sexual diversity; High school; Heteronormativity; Homophobia.

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de
Teoria e Prática
da Educação





Realização:



Apoio:



DTP Departamento de
Teoria e Prática
da Educação

